

A *Guerra e Paz* PUBLICA DE BERNARD-HENRY LÉVY
“ESTE VÍRUS QUE NOS ENLOUQUECE” (2020),
QUE CONSTITUI UMA OPORTUNA REFLEXÃO SOBRE UM
TEMA ATUAL E PROFUNDAMENTE PERTURBADOR, QUE
DEVE SER REFLETIDO, PARA ALÉM DOS LUGARES COMUNS.

ESTE VÍRUS QUE NOS ENLOUQUECE

de **Bernard-Henry Lévy**

Que confinamento?

Muito se tem dito sobre o “CONFINAMENTO” e sobre as medidas excepcionais de preservação da saúde pública perante a estranha pandemia que nos assalta. Hoje sabemos, que além das mortes ditadas pelo vírus, houve muitos outros efeitos que sacrificaram vidas humanas, como a solidão, a violência doméstica, o isolamento e o medo – e, infelizmente ainda iremos ter no futuro mais ou menos próximo outros efeitos negativos. Veja-se o tema da escola e da educação, e compreenda-se que a distância é exatamente o contrário do que se pretende na aprendizagem. Teremos, afinal, de regressar rapidamente à socialização educativa. Como há pouco disse: «Se queremos melhor democracia, temos de dar tempo ao tempo, para que a reflexão não seja substituída pela manipulação. É verdade que o ensino, no seu conjunto, pode sair da pandemia mais preparado para aproveitar as tecnologias e as novas correntes de aprendizagem, mas temos de cuidar dos que não podem ser abandonados, favorecendo a criatividade e a cooperação pessoal. No dilema saúde / economia, o valor fundamental é o da vida, da existência, da liberdade, da igualdade e da fraternidade... O capital social e a confiança obrigam ao que Adela Cortina designa como “amizade cívica” (*El Pais*, 16.5.2020). Só com esta estaremos mais preparados para afrontar próximas epidemias e ameaças de destruição da humanidade...». No livro de BHL todos os alertas são dados. O ambiente de confinamento é malsão e não pode ser aceite de forma passiva ou indiferente. Não esqueçamos que o “confinamento” italiano foi uma palavra mussoliniana. Confinavam-se as vozes críticas e a oposição para criar bolhas autossuficientes em ilhas ou lugares escolhidos para evitar que as ideias perigosas se espalhassem. Eis por que o filósofo considera indispensável não tornar esse um método normal. Mas há o risco para a vida das pessoas em virtude da presença do vírus. É verdade. Importa adotar soluções inteligentes que nos permitam lidar com o perigo e controlar o medo. Temos de formar crianças conscientes de que não irão viver num mundo assético. Têm de estar preparadas. Temos de regressar à lealdade do aperto de mão como sinal de confiança mútua. Não se esqueça que esse hábito nasceu para dizer que não há armas e que podemos estar seguros uns com os outros. E assim as pessoas mais lúcidas têm de falar, dando confiança e

delineando caminhos que preservem a autonomia e a responsabilidade, a segurança e a amizade. Importa dizer: a pandemia não terminou, mas está a ser controlada. Visa-se reduzir efetivamente uma segunda vaga, havendo para tal capacidade médica e hospitalar. Importa, pois, substituir o discurso do medo, pela racionalidade e pela criação de condições para que as máscaras, a higiene das mãos e as distâncias prudentes reduzam a transmissão da doença. Dar sinais de que não há epidemia é criminoso, como é absurdo criar um ambiente de culpa e eleger bodes expiatórios. Se há quem diga que estamos numa boa ocasião para o combate da globalização e do capitalismo, estamos a assumir a mesma atitude medieval contra as grandes epidemias, como se uma qualquer providência estivesse por trás de uma maldição.

Um caminho para diante...

Se o ritmo da descoberta dos tratamentos e das vacinas pode ser mais rápido e resultar da cooperação internacional, tal deve-se à globalização, não tenhamos dúvidas... Aproveitar a morte e o drama humano para defender uma agenda

ideológica é inaceitável. Temos de romper com a tentação de tirar partido de um desastre. Qual a atitude inteligente? Importa viver com mais sobriedade, como nos ensinou a última crise financeira, devemos consumir menos, racionalizar o uso dos transportes, no entanto a frugalidade e a proteção do meio ambiente organizam-se, não se decretam. O experimentalismo social e um novo malthusianismo limitam a cidadania e a liberdade. Não há contradição entre a saúde e a economia. Temos de evitar que a vida destrua a vida. Se pararmos a economia e se não definirmos uma estratégia de melhor utilização dos recursos, teremos mais desemprego, mais fome, mais desigualdade e menos desenvolvimento. Os cientistas não são os novos oráculos de Delfos, são importantes agentes na estratégia humana, mas caminham, como nós, no nevoeiro. Importa mobilizar a sociedade toda. Urge haver partilha de responsabilidades. Importa evitar o abuso de autoridade, onde quer que ele se manifeste. E o certo é que a manipulação do medo leva a pôr em causa a autonomia e a liberdade. O trabalho a distância pode ser bom se houver melhor conciliação familiar, melhor utilização do tempo na vida das pessoas, mas é negativo se favorecer a solidão, o tédio e se levar à incompreensão das fronteiras entre o público e o privado ou à espionagem eletrónica dos empregados pelos patrões.

Uma metáfora perigosa

Diga-se ainda, que a metáfora da guerra é perigosa. Há um vírus, há uma doença, não há uma guerra. Ao contrário do combate do tráfico da droga ou da existência de um inimigo externo, o vírus não tem uma intenção, nem uma vontade. É verdade que há medo. Temos, assim, de saber lidar com ele. Não podemos deixar que os poderes do Estado e da economia ocupem o espaço da cidadania e dos direitos humanos. Não devemos deixar que o medo se torne pânico, limitando a inteligência e a vida humana. Nesse sentido, BHL faz nesta obra um discurso contra a servidão voluntária. A cidadania e a democracia têm, deste modo, de se aliar contra a tomada dos espaços públicos pelos Estados e pelas grandes redes como Google, Amazon, Facebook e Apple... O “Big Brother watching us” tem de ser prevenido. A proteção dos dados pessoais não pode tornar-se uma burocracia inútil e opressiva. Como se mede a liberdade? Na medida em que protegemos a vida privada ou o segredo de que somos detentores.

Haverá outras epidemias depois desta, e não poderemos deixar que segmentos da democracia se percam. Por exemplo, espiritualidade e higienismo não podem confundir-se... O distanciamento social preventivo não deve ser sinónimo de fragmentação social. O distanciamento que gere indiferença e torne as pessoas abstrações põe em causa a organização da sociedade e a vida democrática, conquistada ao longo de décadas. Eis o que está em causa... Martha Nussbaum tem, aliás, analisado este tema na perspetiva do “cosmopolitismo”, considerando este como “um nobre e imperfeito ideal”, pela necessidade de ligar o interesse geral e interesse próprio nacional. E o certo é que o empenhamento de cada um no seu país precisa da consideração da proximidade e a compreensão do interesse geral assumido como defesa da dignidade de todos em qualquer parte do mundo...

**GUILHERME
D’OLIVEIRA MARTINS**

<https://www.cnc.pt/este-virus-que-nos-enlouquece/>
(27.07.2020)

Especialista português diz que nova instrução do Vaticano sobre paróquias é oportunidade perdida

Pe. Tiago Freitas questiona persistência do modelo centrado no padre e falta de atenção aos desafios da evangelização



Foto: Lusa

O Pe. TIAGO FREITAS, autor de uma tese de doutoramento sobre novos modelos de paróquias, disse à *Agência Ecclesia* que o novo documento do Vaticano sobre o tema é uma oportunidade perdida, falhando pela falta de atenção aos desafios da evangelização.

O sacerdote da Arquidiocese de Braga falava a respeito da Instrução “**A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja**”, publicada esta segunda-feira pela Congregação para o Clero (Santa Sé).

Segundo o autor da tese “*COLÉGIO DE PARÓQUIAS – UM PROTO-MODELO CRÍTICO PARA A PARÓQUIA DA EUROPA OCIDENTAL EM TEMPO DE MOBILIDADE*”, o novo documento foi recebido com “surpresa” por diversos responsáveis católicos.

“**Este é um documento muito técnico, muito formal, sobre aspetos muito concretos**”, centrado no Direito Canónico”, precisa o Pe. Tiago Freitas.

A Instrução surge como síntese de documentos de 2002 e 1997, com mais de 20 anos, apresentando como “modelo ideal um pároco com uma paróquia”.

O entrevistado entende que esta é uma “**resposta clara**” da Santa Sé ao que acontece neste momento na Alemanha, onde a Igreja Católica vive uma caminhada sinodal e que está a “**assustar a Cúria Romana**”, com mulheres em cargos diretivos nas dioceses alemãs.

“**Não há razão objetiva para que os leigos não possam cooperar ou participar num real governo das paróquias**”, aponta.

Outro cenário é o da Suíça, onde equipas de leigos têm a responsabilidade de “**governar**” a paróquia.

“**Aí sim, pode ser discutível se o pároco não é transformado numa espécie de capelão, uma espécie de funcionário. Esse é outro risco, onde se põe em causa o múnus de ser pastor**”, sublinha o Pe. Tiago Freitas.

Para o especialista, há um conjunto de experiências, sobretudo na Europa, a que a Santa Sé quer “**pôr travão**”.

“**Não se têm em conta sequer os próprios pressupostos da Instrução, que é a transformação da sociedade e da Cultura em que vivemos**”, acrescenta.

O novo documento sublinha o papel central do padre, na paróquia, e rejeita que leigos ou diáconos possam “**presidir à comunidade paroquial**”, por considerar que essa missão compete ao pároco.

“O único foco que aqui vejo é a figura do pároco e a liderança nas paróquias”, assinala o Pe. Tiago Freitas, deixando de lado qualquer forma de **“empoderamento”** dos leigos ou de **“governo colegial”**.

O sacerdote entende que o documento tinha bons pressupostos, ao aludir à **“irrelevância do critério territorial”** da paróquia, a começar pelos próprios fiéis, e à necessidade de **“reforma de estruturas”** e conversão **“missionária”**.

“Estes são os pressupostos. O problema é que depois, entrando no documento, não há nada de novo senão a reafirmação de tudo o que está em vigor, neste momento”, prossegue.

Para o especialista, o caminho das Unidades Pastorais deve ter **“as motivações corretas”**, considerando que **“a Igreja em Portugal tem trilhado o caminho sugerido”** pela Congregação para o Clero.

O Pe. Tiago Freitas sustenta que a prioridade deveria ser dar resposta ao **“problema maior”** das paróquias, que é a queda do número de cristãos, de pessoas comprometidas, projetando também os desafios do pós-pandemia.

“A forma de anúncio, a urgência de um primeiro anúncio, as modalidades de anunciar Jesus Cristo. Isto é que é uma paróquia evangelizadora”, elenca.

O entrevistado questiona ainda que se apresentem como modelos para as paróquias os santuários, que são, **“por definição, locais fixos, imóveis, a que os peregrinos vão ter”**.

“A Igreja missionária é a Igreja que sai de si”, observa.

Em conclusão, o Pe. Tiago Freitas defende que este é **“um documento técnico que está destinado ao esquecimento”**.

Agência ECCLESIA (24.07.2020)

para ler a Instrução **“A CONVERSÃO PASTORAL DA COMUNIDADE PAROQUIAL A SERVIÇO DA MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA”**, completa:

http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Dox/Istruzione2020/Instrucao_PT.pdf

BISPO ALEMÃO REAGE À INSTRUÇÃO PAROQUIAL VATICANA, VOLTA-SE AO CAMINHO SINODAL COMO RESPOSTA AO ‘DESAFIO ROMANO’

Uma **“mera repetição do direito canónico em vigor hoje”** e uma **“volta ao clericalismo”**

A Instrução publicada pela Congregação para o Clero **“pegou nós bispos completamente de surpresa”**, disse **D. FRANZ-JOSEF BODE**, bispo da Diocese de Osnabrück, em nota, de 22 de julho, como reposta ao novo documento vaticano, que tem sido criticado por supostamente **fortalecer o clericalismo e sufocar, ao mesmo tempo, o protagonismo dos leigos na Igreja.**

“Embora estivesse claro que Roma comentaria as mudanças pastorais dos últimos anos, eu esperava um contato prévio com as realidades locais e uma melhor atenção à muito lembrada sinodalidade”, lamentou o bispo, que também é vice-presidente da Conferência Episcopal Alemã.

Férias

AQUILO QUE NOS PERMITE RELANÇAR A VIDA SÃO COISAS PEQUENAS QUE PRECISAMOS DE REAPRENDER

No seu filme “*Caro Diário*”, NORETTI acaba (quase!) por fugir a nado das ilhas eólias. Os que viram o filme recordar-se-ão que ele partira para essa “peregrinação interior” projetando aí uma espécie de grande e necessário reencontro com a vida, na sua pulsão mais verdadeira, essencial e longínqua. Esperava desse reencontro o que muitas vezes desejamos nós das férias: que nos renovem, que libertem o nosso olhar blindado e alterem o nosso intermitente humor, que nos tragam paisagens diversas, que nos reconciliem... E contava com o influxo positivo das eólias para isso, como nós contamos com o que está ao nosso alcance: uma casa, um lugar que visitamos, um livro, uma montanha, um toldo arejado ao pé do mar... Mas, no filme de Moretti, as ilhas do tirreno revelam-se rapidamente um mal-entendido, igual ao de todos esses massificados paraísos de estampa em que a propaganda estival é fértil, e que servem apenas para ampliar o vazio, pois, mais uma vez, roubam à vida o seu

prometido verão. Quando ele constata que o que ali vigora é o mesmo omnipresente formato consumista, porventura num registo ainda mais feérico, lança-se abruptamente para o barco de regresso, confessando, com desalentada ironia: “Sou feliz só no mar, na travessia entre uma ilha que acabei de deixar e de uma outra que devo ainda conhecer.”

Bem, a dizer a verdade, a finalidade deste introito não é o cancelamento das férias, que constituem uma variação do tempo tão propícia e necessária. Pelo contrário, pretende bramar que é possível encontrar saída. Se repararmos, no filme “Caro Diário”, mesmo um escrutínio escovado severamente como o de NANNI MORETTI, encontra, por exemplo, numa das ilhas — a bela ilha de Salina — dois clarões preciosos que, depois do filme terminar, continuam a luzir na nossa cabeça. Trata-se de duas breves cenas, desenhadas na sua aparente simplicidade como pontos de fuga em relação ao confronto desiludido e áspero com o real, mas que insinuam

uma efetiva possibilidade de sentido, o tracejado de um caminho.

Em Salina, um dos lugares que quis muito visitar foi o farol. “Mas é anódino, não tem nada de especial” — explicaram-me. Porém, eu sabia que não era assim

A primeira delas é uma cena de corte: para romper com o circuito fechado da interminável comunicação palavrosa, a personagem interpretada pelo cineasta Nanni Moretti afasta-se do aldeamento até à zona do farol, e caminha em silêncio. Apenas isso. Caminha não com o fito utilitário de chegar a algum lado. Podemos dizer que se recolhe, que, naquele passeio solitário pelo espaço, reencontra o seu silêncio, que aplaca a sua respiração, como se lhe fosse oferecida a possibilidade de caminhar não apenas por aquele baldio, mas sobretudo dentro de si. Dois elementos plásticos enquadram essa deambulação, e que talvez não nos sejam mostrados por acaso: os destroços de um barco em terra e um navio que desliza pela costa. Isto é: como se passa da existência como naufrágio à reativação esperançosa da própria viagem.

A segunda cena conta um facto ainda mais simples. A personagem volta à zona do farol, que tem um minúsculo lago (na origem existia aí uma salina) e um campo de futebol de terra batida. Perto da baliza está uma bola. E Moretti que se aproxima de cabeça baixa, absorto na redação do diário, de repente vê a bola. E corre. E começa a jogar. A bola sobe, toca na terra, ele chuta-a de novo, correndo de um sítio para outro, numa coreografia, de repente, ligeira, numa ligeireza, de repente, possível. Creio que a lição do filme “Caro Diário” é essa: que aquilo que nos permite relançar a vida são coisas pequenas que precisamos de reaprender. Lembro-me que quando visitei Salina, um dos lugares que quis muito visitar foi este farol. “Mas é anódino, não tem nada de especial” — explicaram-me. Porém, eu sabia que não era assim.



Cartoon de Verão de 2020. por **GUIDO KÜHN**:
<https://cartoonmovement.com/cartoon/summer-2020-2>

apaziguamento

Bem creio que há que saber ser suave de tão inabalável.

Bem creio que a nudez corajosa das ideias é um saber estar na serenidade ativa do pensar.

Bem creio que a ironia amável, bem como o ser intolerante a ambiguidades, constituem, com efeito, a equidistância exata e dialogante do que é nobre e não cede a barricadas, antes saudavelmente peregrina no agitar das águas.

Muito nos devemos em gratidão, direi, se formos capazes de nos encontrarmos entre a lição do rigor possível em solidão, e a radiosa revolução que tenha robustecido o diálogo frontal.

Em certas épocas da nossa vida, a lição, sobretudo, em momentos de grande crise da humanidade, foi e é, a que nos impulsiona a dizer muitas vezes, e em consciência, que existe coragem e existe esperança, ambas liberdade digna e vitoriosa se dissidente de quem a imita.

Na verdade, a travessia de muitos dos desertos da vida de cada um pode ter tido todo o sentido.

E assim tenha sido!, pois então foi magistério ético e lucido esse período, regaço de aprofundares, para quando a súmula da perceção do princípio da realidade, chegasse e chegasse numa força tal, que, eis-nos face a face, sós a nós.

O convite é o de perceber as surpresas, as intuições, as tentações.

Um dia, no sofá, ao nosso lado, sentado, o risco de se ter vivido numa fúria de expletivas.

Um dia, poderá ter lugar um espreguiçar que nos permite um só papel: o de sabermos partir,

devagarinho, sem oposição nossa, numa desigualdade tida por natural entre os homens.

Todos os livros importantes já foram lidos e relidos na juventude e na velhice: o atrevimento de os glosar já teve registo.

Bem creio que, se aqui chegados, saberemos que vamos entrar de férias por entre a verdade de que tudo continuará.



É assim que iremos aprender o limite dos limites definitivos e ele cumprimentará o despreconceituoso, a vida intelectualmente desentrincheirada, a glória serena – deseja-se – e encontrada, por ser ela, enfim, a condição paradoxal, a responsabilidade nossa, no deixarmos aqui o futuro.

O futuro que foi sempre a carruagem, essa que um dia, na estação, nos reconhecerá.

Digo: o mundo começou sem nós: por aqui também o significado do apaziguamento.

Teresa Bracinha Vieira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cronica-da-cultura-889482> (02.07.2020)